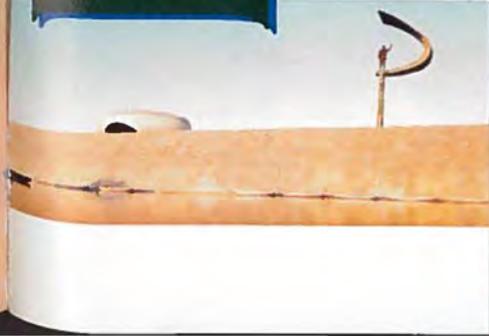
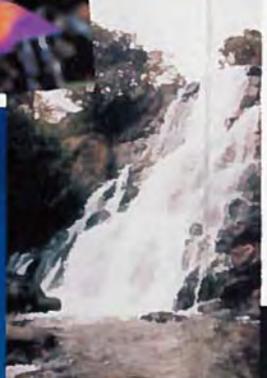
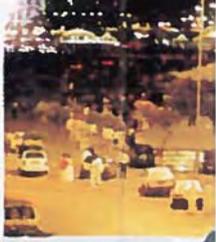


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA
IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 70/74
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília

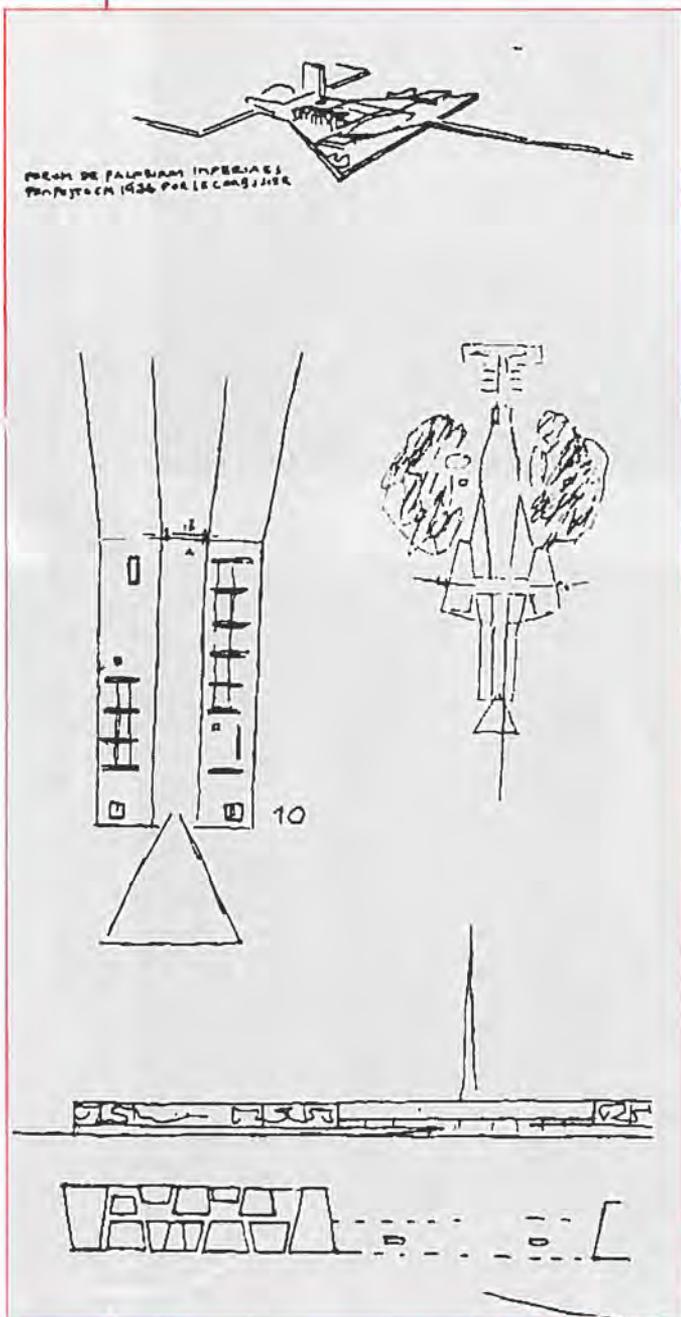


Canção da fábula inicial (BRASÍLIA)

□ JOSÉ GODOY GARCIA

Só havia noites e as manhãs.
Com o avançar dos dias
as máquinas chegando.
Não se podia saber
mas o certo é que elas
tinham uma importância
maior que os homens,
e também a madeira para as construções.
Havia sulcos já, cortes na crosta
angustiada; cerrados, caminhos,
estradas, árvores quebradas,
terra solta, animais fugindo.
As máquinas sempre chegando.
Os caminhões de madeira
e gente.
Com espaço de alguns dias
a terra na sua superfície
lembrava restos de tempestade.

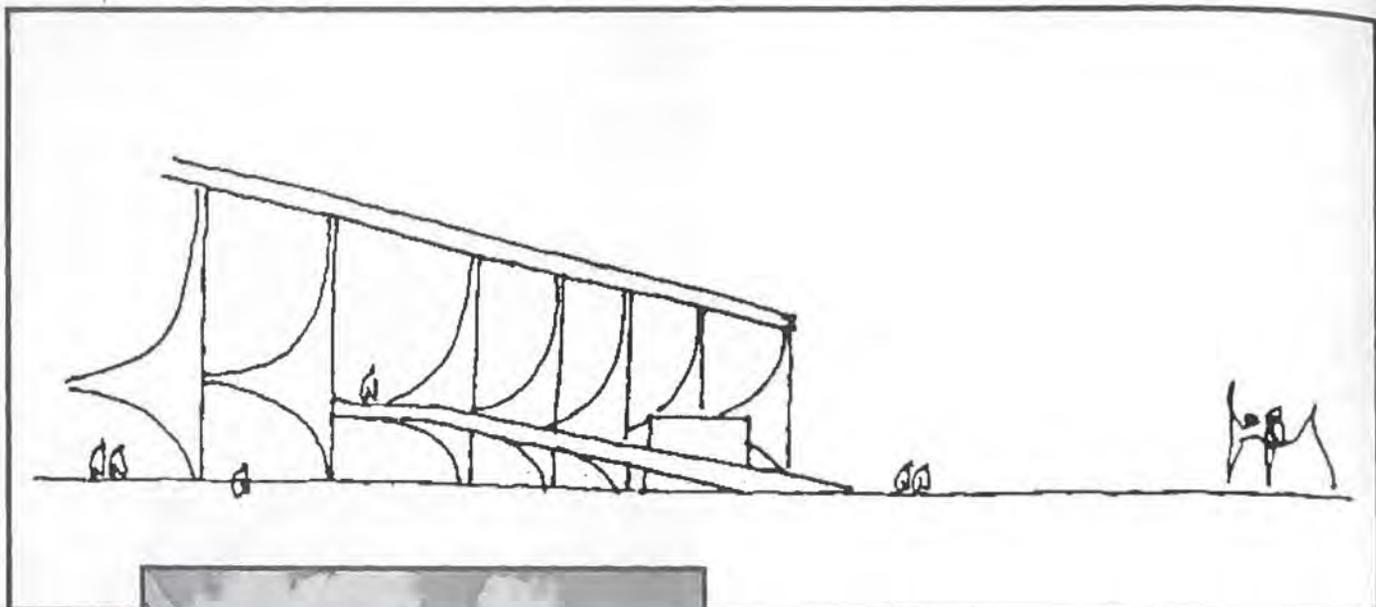
Era chão batido, chão
sulcado, chão ferido.
Mas ainda não era nada. As
máquinas devoravam o chão,
cortavam riachos,
trituravam árvores.
Noites de negrume estranho.



Os longes e as tardes coloridas,
mas ninguém olhava.
As casas de madeira
apareciam. Parca, a vida
que nelas começava;
mas começava. A terra
podia estar aceitando
o domínio do homem,
mas ninguém olhava.
Nem a dor
de um e outro se pressentia.
Os homens,
tanto como não se esperava,
chegavam;
vinham, apareciam
mais do que as máquinas
e utensílios,
não eram previstos.
Não pensavam
no velho e no muito velho
e no novo corpo, nem
se avaliavam. Eram iguais
aos retorcidos troncos
de árvores do cerrado.
As roupas iam-se desfi-
gurando e não percebiam,
e as pequenas feridas
apareciam na pele
e não eram vistas e cuidadas,
nem as mãos e os cabelos
eram lembrados.
Em tudo começava um movimento,
fora ou dentro da hora,
porque tudo era lícito
tudo estava fora do lugar
e cavando o seu lugar,
criava e recriava a vida.
As casas aumentando-se,
mas nelas ruídos não se ouviam,
só a vida no largo chão
de sol e lua.



2
Uma primeira lua se passou
e ainda tudo era o mesmo.
O que se modificava era
a terra com suas feridas.
Chão batido e chão claro.
Já um e outro tiveram fome,
e pegaram a lembrar de alguma
coisa que ficou para trás.
Chegava o momento
em que o homem
redescobria-se. E



assim ele podia
olhar em redor
e fazer amizades,
porque tudo isso é
de sua tradição.
Ele olhava a terra
e pôde com a fome olhar as estrelas
e pegar numa árvore,
observar a água,
e amar sua aventura.
E, ao mesmo tempo que andava
para agir contra a fome,

também podia pensar.
E começava a miúda afeição
de um e de outro pelo sítio,
barracos;
do homem pela máquina,
do povo pelas estrelas e caminhos.

3

Um dia a mulher chegou.
Alguns homens, velhos e novos,
tiveram logo a notícia.
Era a primeira que vinha
à terra. As máquinas, os
homens, depois ela.

.....
Ressuscitada em mágoas,
foi conduzida para o
caminho parado
à porta da pensão
na encosta do Bananal.
No chegar da manhã
seguiu para Anápolis.

4

A terra viu o crime.
Foi no acampamento da
"Pacheco Fernandes".
Os operários encurralados,

reclamavam direitos.
Eram dez horas no planalto.
Foram metralhados.
A madeira curtida
pelo sol
e pela chuva
foi feita em pedaços
(eles amoitavam-se
nas casas de tábuas),
feita em sangue.
No caso não mais se falou.



Havia-se iniciado a vida no ermo.
Tudo agora diluía-se
no emaranhado de humanidade
que despontava de esquinas
de matos e encostas.
Sinais humanos,
terra ferida.

5

Como se faz uma cidade?
Com o sonho que vira casa.

Como se faz uma cidade?
Com o sangue que vira casa.
Com vidas e argamassa?
Como se faz uma cidade?
Com operário se conta?
Como se faz uma cidade?

É a boca do homem quem sabe.
É a fala do homem quem sabe.

A mão do homem quem sabe.
A mão do homem segreda ao sangue.

Como se faz uma cidade?
Com a mão se faz o sonho.

